

FIGURAS DA ANGÚSTIA NO MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO

Brenda Santos Ribeiro (PIC), Mariana Monteiro Veiga (PIC), Aline Sanches (Orientadora), e-mail: brendaribeiro46@gmail.com ,
marianaveeiga@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas / Maringá, PR.

Ciências Humanas / Psicologia

Palavras-chave: angústia, pandemia, psicanálise.

Resumo:

A presente pesquisa, de natureza teórico-conceitual e exploratória, propõe-se a apresentar a angústia como um afeto inerente à condição humana, que assume características particulares de acordo com o modus operandi social e as situações disruptivas que o permeiam, tais como a Covid-19. Para tanto, apresentamos uma caracterização da sociedade contemporânea, pautada no consumo e imediatismo, entendendo que as transformações do ideário pós-moderno trazem como efeito um processo desestabilizador das construções identitárias. Delineamos o conceito de angústia segundo o referencial psicanalítico, mais especificamente nas obras de Freud e Klein, compreendendo a angústia como algo não a ser erradicado, mas como algo constitutivo do sujeito. Frente a isso, se faz necessário compreender como o indivíduo lida com a angústia por meio de mecanismos de defesa, haja vista as inúmeras implicações traumáticas próprias da contemporaneidade, que foram realçadas pela pandemia da Covid-19.

Introdução

A angústia, no referencial psicanalítico, é um afeto caracterizado por sua polissemia e por apresentar diversas expressões clínicas. Assim, buscamos investigar as manifestações de angústia no mal-estar contemporâneo e de que modo situações disruptivas como o Covid-19 afetam o modo como esse sentimento é vivenciado.

Inicialmente se fez necessário compreender como se configura a sociedade pós-moderna, pois as formas com que a angústia se apresenta reflete diretamente o estilo de vida em que os indivíduos se encontram. Tal estilo atual é caracterizado por uma plasticidade frente às instituições, sendo visível uma fragilidade nas relações interpessoais acompanhada de um crescimento do “ter” em detrimento do “ser”, priorizando a forma efêmera de se ter a felicidade e escondendo seus sentimentos. (PADILHA, 2017).

Em seguida, ao adentrar no campo teórico psicanalítico, Kaufmann (1996), nos traz que Freud esboça duas teorias da angústia. A primeira sendo ligada

ao excesso de energia libidinal não eliminada e a segunda sendo construída a partir da segunda tópica, podendo ser correlacionada com a marca histórica das tendências através das quais se manifestam o impacto do traumatismo, os avatares da relação de objeto e o mal-estar de um Eu atormentado pelas vacilações de sua integridade.

Concomitante às contribuições Freudianas, Melanie Klein ao elaborar proposições como a posição depressiva e esquizo-paranóide, também adentra o campo da angústia, sendo o entendimento dessas proposições fundamentais para a compreensão de como esse afeto se faz presente no indivíduo.

Posto isso, compreender como o sujeito lida com a angústia mediante situações disruptivas se faz necessário, pois, como pontuam Oliveira, Resstel e Justo (2014), o indivíduo contemporâneo vive no desamparo utilizando-se de mecanismos de defesas primitivas, contribuindo para a acentuação de formas de subjetivação regressivas e para o declínio do simbólico. Por outro lado, entendendo que a elaboração da angústia favorece o enriquecimento psíquico, possibilitando o desenvolvimento de simbolizações, pretendeu-se aqui averiguar como o sentimento de angústia é afetado pela pandemia da Covid-19 e a partir disso, quais implicações surgem no psiquismo e nas relações interpessoais mediante esse contexto.

Materiais e métodos

A pesquisa em questão é de natureza exploratória e o procedimento técnico utilizado para sua produção é um delineamento revisional bibliográfico, o qual estruturou-se através de um levantamento bibliográfico preliminar, para possibilitar a elaboração de um plano provisório sobre o assunto, norteando a busca por fontes e conseqüentemente incitando a leitura dos materiais elencados como essenciais.

Resultados e Discussão

A situação disruptiva enfrentada nos tempos atuais devido a pandemia do novo Coronavírus explicita a condição de desamparo do sujeito contemporâneo. Caracterizada pela invisibilidade do vírus, a pandemia desperta nos indivíduos o medo perante um inimigo invisível e impalpável, de forma que o terror da morte se dissemina fortemente nos psiquismos. Segundo Birman (2020), esse terror reativa o desamparo originário do sujeito, que não encontra via de expressão nesse contexto, o que inviabiliza que todo esse teor traumático seja amplificado, promovendo uma forma mais primitiva de subjetivação da angústia.

No entanto, é preciso olharmos a pandemia do Covid-19 também como uma questão social, que perpassa de forma voraz a saúde pública, as medidas políticas e os ajustes econômicos feitos em nosso país e gera intensa volatilidade pois está se tornando cada vez mais frequente os embates entre as autoridades políticas e científicas, fazendo com que a população se afogue em um mar de desalento e incertezas por não saber em quem ou em quê confiar.

Em se tratando das contribuições de Melanie Klein sobre o conceito de angústia, ficou claro que a pandemia do Covid-19 retoma as angústias de destruição do Eu, as quais são próprias da posição esquizo-paranóide, pois a partir do momento em que nos sentimos perseguidos por algo que não temos controle, começamos a atacar para nos defender não só em nível pessoal, mas também em nível institucional, duvidando da ciência, de governos e de tudo que nos cerca. Ao mesmo tempo que ocorre essa ebulição caracterizada pela fase esquizo-paranóide, percebemos que cada vez mais, devido ao contexto disruptivo, um medo iminente da perda do objeto amado, trazendo novamente a posição depressiva para o cerne (MALPIQUE, 2020).

Diante disso, cabe destacar a importância de se elaborar parcialmente a posição depressiva, pois por meio dessa reconstrução do objeto destruído, se alcança a sublimação dos impulsos destrutivos, de forma que o caminho da formação simbólica se abre a ela. Logo, é necessário refletirmos se enquanto sociedade, vivenciando situações extremadas de desamparo devido a pandemia, conseguiremos elaborar essas angústias e construir caminhos mais criativos, enriquecedores e promotores de desenvolvimento, tanto psíquico quanto social.

Conclusões

Conforme evidenciado nesta pesquisa, o desamparo ocupa um papel central no mal-estar atual e também exerce uma função importante no mecanismo da angústia. Tanto na teoria freudiana quanto na teoria kleiniana, é o desamparo do bebê que suscita a resposta de angústia, sendo esta fundamental para o desenvolvimento e simbolização do indivíduo. No entanto, esse desamparo inicial que fica calcado em nosso inconsciente, é despertado em situações ameaçadoras futuras, que são disruptivas ou fogem do nosso controle.

Ao analisarmos qual o papel da angústia frente à pandemia para a saúde mental dos indivíduos, compreendeu-se, em concordância com Rita Marta (2021), que o fato de o Covid-19 ser uma ameaça invisível, leva cada um a projetar os fantasmas internos à sua maneira, sendo para o obsessivo acentuar sua necessidade de controle e rituais de limpeza, para o fóbico se tornar mais confortável esconder-se em casa e para o paranoico intensificar-se o medo de contaminação ou até mesmo criar-se a ideia de um vírus fabricado em laboratório.

No entanto, a pandemia também surge como um momento de descoberta, por fazer com que cada um de nós parássemos obrigatoriamente nosso ritmo de produção para encarar nossos medos, fantasmas e vontades, fazendo emergir à superfície fatos necessários para ponderarmos o que realmente queremos e importa para nós.

Mesmo a angústia tendo um lado positivo, ao proporcionar o enriquecimento psíquico, importa lembrarmos o caráter catastrófico dessa situação disruptiva, a qual, infelizmente, levou ao aumento das desigualdades e mazelas sociais. Portanto, caso não haja um anteparo e condições básicas,

não é possível caminhar, enquanto sociedade, para uma elaboração do afeto da angústia. Cabe o nosso respeito e condolência a todas as famílias que tiveram perdas devido ao vírus, bem como a nossa inconformidade frente todas as medidas descabidas no enfrentamento da pandemia, que não apenas negligenciaram a gravidade da situação como elevaram desnecessariamente o número de vítimas.

Agradecimentos

Agradecemos primeiramente a nossa orientadora, a Prof. Dra. Aline Sanches, por além de toda ajuda teórica, ter fomentado durante as orientações um espaço tão propício para trocas e construções de conhecimento. Ademais, a possibilidade de ter feito essa pesquisa em dupla foi extremamente gratificante, pois nesse momento de frequentes angústias e incertezas, ter ao lado alguém para dividir as dificuldades e as conquistas ultrapassou a barreira teórica e nos permitiu construir juntas, uma forma de elaborar nossos próprios anseios.

Referências

- BIRMAN, J. **O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- KAUFMANN, P. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de freud e lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- MALPIQUE, C. **Posição Esquizo-paranoide – Depressiva**. Sociedade Portuguesa de Psicanálise, Lisboa, 22 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.sppsicanalise.pt/ps-d/> . Acesso em: 15 de julho de 2020.
- MARTA, R. **Pandemia e Saúde Mental**. Sociedade Portuguesa de Psicanálise, Lisboa, 7 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.sppsicanalise.pt/pandemia-e-saude-mental/#more-5132> . Acesso em: 15 de julho de 2021.
- OLIVEIRA, A.; RESSTEL, C.; JUSTO, J. **Desamparo psíquico na contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP, v. 13, n .1, p. 21-32, 2014.
- PADILHA, N. **O mal-estar na sociedade espetacular**. Revista CEPdePA, Porto Alegre, v.24, p. 103 - 114, 2017.